



A (re)construção do mito da caverna na obra *A invenção de morel*, de Bioy de Casares

The (re)construction of the Myth of the Cavern in the Work The Invention of Morel, by Bioy de Casares

Gerizilda Dantas de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros/Brasil

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)

gerizildadsouza@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6538-4461>

Carlos Martins Versiani dos Anjos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros / Brasil

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)

carlos.versiani@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3698-864X>

Resumo: Este artigo discute a relação interdiscursiva existente entre a obra *A invenção de Morel*, publicada originalmente em 1940, escrita pelo autor argentino Adolfo Bioy Casares, e o discurso filosófico presente no Mito da Caverna, de Platão, publicado no século IV C, a fim de mostrar como o sujeito e, conseqüentemente, seu discurso podem ser reconfigurados historicamente na interface entre o Mito, a Filosofia e a Literatura. A discussão é realizada por meio do olhar interpretativo e analítico de alguns fragmentos retirados da obra *A invenção de Morel*, aproximando-os a discursos presentes no Mito da Caverna. Os fragmentos se referem aos dois personagens principais: o Fugitivo, aquele que se vê prisioneiro dos espectros que povoam a ilha para a qual fugiu e dos quais busca se libertar; e Morel, aquele que usa do seu conhecimento para criar e manipular os fantoches que produzem as sombras e aprisionar os que estão em um plano diferente

do seu. O objetivo do estudo é encontrar correspondências discursivas em relação à constituição dos sujeitos que Platão apresenta como habitantes da sua caverna. Nessa intenção, utilizamos como principal apoio teórico os estudos de Maingueneau (1997, 2006, 2008), especialmente sua conceituação sobre a categoria de interdiscurso. A obra *A Invenção de Morel* confirma que todo discurso possibilita, como destaca Maingueneau (2008), uma incessante reconfiguração, na incorporação de outros discursos, apropriados de diferentes realidades sócio-histórico-culturais. Casares (2016), então, se utiliza da mesma base discursiva de Platão para mostrar o homem preso novamente em uma caverna; no entanto, dessa vez, ao adquirir a consciência de que existe um mundo para além das ilusões, opta por dele não participar.

Palavras-chave: interdiscurso; Mito da Caverna; *A invenção de Morel*; análise do discurso.

Abstract: His article discusses the interdiscursive relationship between *The Invention of Morel*, originally published in 1940, written by Argentine author Adolfo Bioy Casares and the philosophical discourse present in Plato's Myth of the Cave, published in the fourth century BC, in order to show how the subject and, consequently, his discourse can be historically reconfigured at this interface between Myth, Philosophy and Literature. The discussion is carried out through the interpretative and analytical look of some fragments taken from *The Invention of Morel*, bringing them closer to discourses present in the Cave Myth. The fragments refer to the two main characters: the Fugitive, the one who finds himself a prisoner of the spectres that populate the island to which he fled and from whom he seeks to free himself; and Morel, the one who uses his knowledge to create and manipulate the puppets that produce the shadows, and imprison those who are on a plane different from his own. The aim of the study is to find discursive correspondences in relation to the constitution of the subjects that Plato presents as inhabitants of his cave. In this intention, we used, as main theoretical support, Maingueneau's studies (1997, 2006, 2008), especially in the conceptualization about the category of interdiscourse. *The Invention of Morel* confirms that every discourse enables, as Maingueneau points out, an incessant reconfiguration, in the incorporation of other discourses, appropriate dwellers of different socio-historical-cultural realities. Casares then uses the same discursive basis as Plato to show the man trapped again in a cave, but this time, by acquiring the awareness that there is a world beyond illusions, chooses not to participate in it.

Keywords: interdiscourse; Myth of the Cave; *The Invention of Morel*; discourse analysis.

1 Introdução

O homem é um sujeito heterogêneo, quando observado nas várias instâncias a que pertence ou de que se ocupa: social, ideológica e histórica. Os estudos acerca da condição humana sempre se voltam para questões que entrelaçam essas três dimensões. Enquanto sujeito social, apresenta marca de outros sujeitos; ideologicamente, é influenciado e influencia quem está a sua volta; historicamente, se desenvolve e se modifica de acordo com as necessidades do espaço e tempo que está ocupando. Assim, não é de se estranhar que o discurso, a literatura e os mitos estejam também entrelaçados no que diz respeito às atividades do ser humano e sua constante transformação ao longo dos séculos. As narrativas literárias e míticas, como “discursos constituintes”, geram diferentes posicionamentos a partir da sociedade em que são enunciados (MAINGUENEAU, 2006). Partícipes, portanto, da constituição do homem, desde sua formação como ser social, histórico e ideológico.

Nesse sentido, a literatura e o mito estariam ligados “geneticamente”, visto que ambas as narrativas evocam, em sua origem, formas de expressar a condição humana e a sociedade. Além disso, muitos são os mitos que ganham ressignificações no discurso literário, uma vez que os autores também usam de preceitos míticos para expressar seus desejos, sentimentos e inquietações em relação ao mundo que estão narrando. O discurso, por sua vez, é uma rede de reconfiguração de outros dizeres, que mostra, como se fosse a corrente de um rio, que o homem não é único na sua fala, já que esta carrega em si interferências sociais, ideológicas e históricas de outros discursos. Assim, as constantes transformações histórico-culturais por que passam as sociedades permitem que narrativas míticas sejam constantemente reatualizadas. E a literatura, como instância narrativa da condição humana, participa dessa reatualização através de uma relação interdiscursiva.

Segundo Maingueneau (2006, p. 72),

a literatura mantém uma dupla relação com o interdiscurso: de um lado, as obras se alimentam de outros textos mediante diferentes procedimentos (citações, imitações, investimentos de um gênero...) e, do outro, elas se expõem à interpretação, à citação, ao reemprego.

Em outras palavras, a literatura, enquanto discurso, nos fornece, assim como o mito, diversos elos interpretativos, possibilitando uma visão reatualizada de discursos anteriores, com os quais mantém uma ligação umbilical.

Câmara (2013, p. 188), por sua vez, sustenta que “quanto mais mítica for a ficção, mais realidade é agregada ao texto. Tal paradoxo se explica porque o mito se torna a fonte da própria realidade original (historicamente ocultada)”. Desse modo, quando um escritor usa o mito na sua obra, o seu discurso pode revelar que “a organização temporal da sua narrativa não faz senão reproduzir a série dos acontecimentos, aos quais ele assiste de certo modo, na mesma ordem em que se sucedem a partir da sua origem” (VERNANT, 1990, p. 138).

Essa constatação nos permite relativizar a existência de uma rígida oposição entre o *Mythos*, como narrativa primordial, de caráter sagrado, que explica o nascimento e origem das coisas, e o *Logos*, como especulação filosófica racional e científica. Assim como o mito, a filosofia busca a *arché*, explicações fundantes e constituintes para os fenômenos da natureza e a existência humana. E, se usa métodos e instrumentos diversos, também se vale, desde a antiguidade clássica, da constituição poética de narrativas míticas para compor o seu *corpus* teórico. Isso é o que permite fazer a ligação interdiscursiva entre o discurso literário e o discurso filosófico, no que concerne a reatualização dos mitos.

Maingueneau (2006, p. 60), apresentando a sua noção de discurso constituinte como característico tanto da literatura quanto das narrativas míticas e da filosofia, aponta nelas a presença de um “estatuto xamânico”, por serem discursos que participam e interagem com o mundo e, ao mesmo tempo, excedem o lugar comum do “mundo dos homens”. Ainda que o discurso filosófico tenda, diferentemente do discurso literário, a absorver todo o seu conteúdo doutrinal no enunciado, na sua fala, protegendo-se então das “sombras” do poético, as obras filosóficas “se unem em segredo a seu próprio fantasma ficcional”, numa “porta secreta por onde a filosofia se comunica interiormente com a literatura” (COSSUTA, 2004, p. 420, *apud* MAINGUENEAU, 2006, p. 66).

Esses apontamentos servem bem ao nosso objeto de estudo, que pretende apresentar a relação interdiscursiva entre a obra *A invenção de Morel*, publicada originalmente em 1940, escrita pelo autor argentino

Adolfo Bioy Casares,¹ e o discurso filosófico presente no Livro VII d'*A República* de Platão, especificamente no Mito da Caverna, a fim de mostrar como o sujeito e, conseqüentemente, seu discurso, podem ser reconfigurados historicamente nessa interface entre o Mito, a Filosofia e a Literatura. Sendo do universo literário, *A Invenção de Morel* usa igualmente de elementos míticos e filosóficos para a representação do sujeito contemporâneo.

A literatura fantástica, gênero da obra de Casares, transita, através de seus personagens, entre o mundo real e o ilusório, possibilitando desvendar os simulacros que se ocultam nos acontecimentos narrados. Neste trabalho, utilizamos, como principal apoio teórico, especialmente na conceituação da categoria de interdiscurso, dos estudos de Dominique Maingueneau (1997, 2006, 2008).

2 A Caverna de Casares e o Mito da Caverna de Platão

Dentre os mitos mais propagados na história da Filosofia está o Mito da Caverna, de Platão, escrito há 2.400 anos. A alegoria, presente no Livro VII da obra *A República*, apresenta os desafios enfrentados nos caminhos percorridos pelo ser humano para chegar a um estado de consciência de si mesmo e do mundo, valorizando o processo de aprendizado do conhecimento que se move não por interesses, mas por princípios, como um ato de libertação. Narra o percurso de um indivíduo que se liberta do mundo de sombras que o aprisionava em uma caverna, para atingir lá fora, sob a luz do sol, a plenitude do conhecimento primordial e verdadeiro, e se dedicar, assim, à libertação dos demais prisioneiros.

No livro *A República*, o mito compõe um diálogo protagonizado por Sócrates, maior mestre e mentor de Platão, no qual é utilizado o método da maiêutica, que consiste em levar o opositor a duvidar de suas “verdades” anteriores para parir, ou fazer nascer, através da dúvida, um saber mais consistente e aprofundado. Além de revelar a oposição filosófica de Platão entre o Mundo das Ideias, ou seja, do conhecimento

¹ A análise apresentada nesse trabalho faz parte de resultados parciais de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN), na Linha de Pesquisa Discurso, Memória e Identidade, para obtenção do título de Mestre. Orientação do Prof. Dr. Carlos Martins Versiani dos Anjos.

inteligível, caracterizado como superior, e o Mundo do Sensível, visto como enganoso e inferior, o mito guarda uma significação política que o contexto da obra *A República* não permite omitir, pois aquele que se liberta da caverna é colocado como capaz de governar os outros homens e encaminhá-los para o mundo verdadeiro, longe da ilusão das sombras. E no modelo de República pensado por Platão seriam os filósofos os detentores dessa sabedoria, os mais capazes para o exercício do poder político.

Usado, portanto, por Platão, como representação da essência do saber filosófico e da função política do filósofo na sociedade, o mito permitiu, ao longo da História, inúmeras análises e releituras, em várias áreas do conhecimento, e na literatura não foi diferente. Muitos autores usam do texto de Platão para apresentar uma nova roupagem para o homem que é prisioneiro de diferentes tipos de cavernas. Na obra *A Caverna*, de Saramago (2000), temos uma reatualização que usa o discurso platônico para apresentar “o comportamento do homem no século XXI, mostrando-o em sua mais frenética busca pelo conhecimento e poder numa era tecnológica e capitalista” (SANTOS; SOUZA, 2019, p. 41). Podemos destacar também a escrita do contista português Branquinho de Fonseca (1966), especialmente no conto “Olhos Deslumbrados”, no qual “a utilização do mito da caverna de Platão, à luz de contribuições trazidas pela moderna Psicologia, resultou em fascinante alegoria da trajetória humana rumo ao mundo obscuro das camadas do subconsciente” (MONGELLI, 1994, p. 41).

Já na obra *A invenção de Morel*, o enredo expõe o ser humano como prisioneiro de uma máquina que perpetuamente exhibe uma simulação do mundo ao qual pertence, ou de que é espectador. Além de apontar o homem como criador de uma prisão que é imposta a outros, o autor mostra como ele pode se tornar um prisioneiro de suas próprias criações, um condenado às algemas de seu conhecimento, enquanto aprisiona outros que demonstram a falta deste. Assim, da mesma forma como os prisioneiros de Platão eram condenados a ver apenas imagens projetadas na parede, por efeito da luz vinda de uma fogueira existente na caverna onde estavam acorrentados, os personagens de Casares (2016) se veem prisioneiros, ora como projeção, ora como espectadores dela, plantando no leitor a indagação sobre o que é real e ilusão na narrativa, aos olhos do narrador/protagonista.

Os acontecimentos do romance giram em torno de um personagem que está foragido, o Fugitivo, condenado à prisão perpétua, sendo obrigado a se refugiar em uma ilha que nenhum outro ser ousa visitar, pela lenda de que ali se esconde uma praga mortal. Algum tempo depois, é surpreendido com a presença de novas pessoas, as quais geram nele uma certa obsessão, especialmente uma mulher, por quem se apaixona. Desse modo, começa a observar o dia a dia desses sujeitos, até perceber coisas muito estranhas, como o fato de ele ser totalmente invisível para os novos moradores da ilha, o que propicia inicialmente o questionamento: quem é uma ilusão, o homem foragido ou os novos moradores?

É possível interpretar que o autor apresenta, através do seu narrador/protagonista, a possibilidade de o homem se tornar prisioneiro da sua própria mente, pois o personagem principal começa a esquecer seus objetivos de sobrevivência, focando suas forças em examinar aqueles seres, na busca de entender porque eles possuem uma única e imutável rotina e o que o faria invisível aos olhos daqueles estranhos visitantes. Até descobri-los como meros simulacros, ou projeções de uma máquina, inventada por um homem chamado Morel.

Morel é o inventor da máquina que projeta as imagens que questionam a racionalidade do Fugitivo. Ele criou uma maneira de projetar-se e aos seus amigos de forma realista por toda a eternidade, capturando a vida de cada um no intervalo de uma semana e reproduzindo perpetuamente as ações de todos, com o poder de enganar aquele que observasse de fora as cenas reproduzidas.

Diante da narrativa, somos levados a refletir sobre as coisas que o ser humano idealiza, tornando-se muitas vezes um prisioneiro dos seus sonhos ou ideais, por não questionar ou até mesmo por não encontrar uma resposta que seja plausível às suas expectativas. Morel também demonstra como o homem é capaz de enganar os outros para conquistar seus próprios objetivos, distorcendo a realidade a seu favor, até que todos estejam prisioneiros dos seus argumentos.

Dessa maneira, de um lado temos a representação do Fugitivo como o homem que, investigando o inverossímil, acaba por conhecer a realidade que o aprisionava e tenta desmistificar a ilusão criada por Morel; do outro, o inventor da máquina, que condena seus companheiros à prisão daquela projeção, ao mesmo tempo que confunde os espectadores de sua invenção. Somos levados então a refletir acerca da prisão criada pela ausência do conhecimento, como acontecia na Caverna de Platão,

em que os seus habitantes estavam acorrentados pela cegueira e falta de entendimento, aceitando uma realidade falseada que presenciavam nas paredes daquela caverna, tornando-se assim eternamente presos à sua ignorância.

Do mesmo modo, Casares (2016), dois mil e quatrocentos anos depois, mostra o homem contemporâneo preso em uma ilha devido a circunstâncias sociais, mas que logo passa a ser prisioneiro de sua própria mente e das artimanhas de um outro que o torna cativo. Este, chamado Morel, através da criação de uma simulação do mundo à sua volta, provoca no Fugitivo a dúvida quanto à sua percepção de realidade, fazendo-o prisioneiro do seu conhecimento e invenção, da mesma forma que manipula e prende outros, movido pela ambição de poder e controle: da vida, do mundo e do real. Contudo, diferentemente do Mito da Caverna, na obra de Casares (2016), quando o Fugitivo se liberta das correntes e consegue ver a verdade, conhecer o funcionamento daquilo que o aprisionava, já não consegue mais escapar do mundo das sombras, tampouco salvar outros prisioneiros, tornando-se, ele próprio, também uma projeção:

Agora, vejo o ato de Morel como um justo ditirambo. Minha vida não é atroz. Se abandono as intranquilas esperanças de partir em busca de Faustine, posso acomodar-me ao destino seráfico de contemplá-la. Existe esse caminho; viver, ser o mais feliz dos mortais [...] Pela minha própria morte. (CASARES, 2016, p. 219-220).

3 O interdiscurso entre *A invenção de Morel* e o Mito da Caverna

A discussão que aqui faremos será realizada através do olhar interpretativo e analítico de alguns fragmentos retirados da obra *A invenção de Morel*, aproximando-os a discursos presentes no Mito da Caverna. Os fragmentos se referem aos dois personagens principais: o Fugitivo, aquele que se vê prisioneiro dos espectros que povoam a ilha para a qual fugiu e dos quais busca se libertar; e Morel, aquele que usa do seu conhecimento para criar e manipular os fantoches que produzem as sombras e aprisionar os que estão em um plano diferente do seu.

O objetivo do estudo é encontrar correspondências discursivas em relação à constituição do *ethos*, ou imagens que identificam dois tipos de sujeitos que Platão apresenta como habitantes da caverna: aquele

que está acorrentado e condenado, como outros prisioneiros, a enxergar apenas sombras, até que consegue se libertar; e o amo da caverna, aquele que manipula as sombras, sendo também prisioneiro, não da ignorância como o primeiro grupo, mas da ambição de poder, de exercer o controle sobre os outros.

Através de um jogo discursivo, a narrativa de Casares leva o leitor a duvidar da sua própria interpretação dos fatos apresentados, uma vez que não se sabe até onde tudo é realidade ou ilusão. As pistas deixadas pelo personagem narrador não são suficientes, já que ele mesmo não compreende tudo o que está acontecendo, duvidando inclusive de sua sanidade. Desse modo, podem ser invocados outros discursos formadores daquilo que é enunciado, que contribuem para as contradições e dúvidas do sujeito moderno, aí personificado pelo Fugitivo, protagonista/narrador, o que comprova a premissa que já vem sendo assumida pelas principais correntes teóricas da análise do discurso: o homem modifica e é modificado pelo discurso que profere, através da conjunção de outras formações discursivas que a ele se integram e com ele interagem. Seguindo essa direção, afirmam Charadeau e Maingueneau (2016, p. 172):

O discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho. Para interpretar o menor enunciado, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam. [...] O próprio fato de situar um discurso em um gênero implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros.

Assim ocorre no gênero literário, como na obra *A Invenção de Morel*, que tanto pode ser analisado como depositário do mesmo discurso distópico que animava obras então contemporâneas na década de 1930-1940 (vide *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell) como também, o que é presentemente o caso, visto a partir de uma reatualização discursiva do Mito da Caverna, de Platão. É o que se verifica na própria caracterização dos personagens, tanto do Fugitivo (aquele que consegue chegar à verdade sobre as projeções que se lhe apresentam) como de Morel (criador e manipulador da máquina que cria os espectros).

Durante a narrativa, Morel é apresentado como um sujeito que possui conhecimento, poder e influência sobre aqueles que fazem parte de sua vida. Impelido pelos seus desejos e ambições, constrói uma máquina capaz de gravar lembranças e imagens em movimento, e, conseqüentemente, transformar aqueles aprisionados por ela em eternas projeções. Todos que são expostos à maquinaria da sua invenção passam

a reproduzir sempre as mesmas ações, sem ter consciência de que não são mais do que sombras de sua realidade original. Assim declara Morel, em palestra dirigida aos futuros prisioneiros da sua invenção:

Esta ilha, com seus edifícios, é nosso paraíso particular. Tomei algumas precauções – físicas, morais – para sua defesa: acredito que o protegerão. Aqui estaremos eternamente – mesmo que partamos amanhã – repetindo consecutivamente os momentos da semana e sem nunca poder sair da consciência que tivemos em cada um deles, porque assim nos gravaram os aparelhos; isso permitirá que nos sintamos em uma vida sempre nova, porque não haverá outras lembranças [...] afora as que havia no momento correspondente da gravação, e porque o futuro, muitas vezes deixado para trás, sempre conservará seus atributos. (CASARES, 2016, p. 82).

As vítimas de Morel tornam-se, então, uma simulação de alguns momentos de sua própria vida, sendo-lhes impossível fugir dessa situação. Sempre seguirão iguais em atitudes, pensamentos, aparência e desejos. A manipulação é realizada com os argumentos de que a vida será eterna, já que, através da máquina, permaneceriam os mesmos e jamais envelheceriam. Essa condição de prisioneiros, em uma instância de perpetuidade, sem nada poder fazer para se livrarem das correntes e assim conhecerem outra verdade, nos transportam, numa interdiscursividade, àquela narrativa platônica de 2.400 anos atrás, sobre homens acorrentados em uma caverna, cuja verdade se resume aos espectros com que convivem passivamente.

Platão, através do narrador Sócrates, fiador do seu discurso, apresenta uma caverna em que são projetadas cenas ilusórias para os que ali estão condenados a ficarem acorrentados. Por mais que façam parte de campos discursivos distintos, o literário e o mítico/filosófico, as duas narrativas se conjugam, como diria Maingueneau (2008), dentro de um mesmo espaço discursivo, ou seja, apresentam em comum uma mesma formação discursiva, no caso, de natureza filosófica: o discurso do homem prisioneiro em decorrência da ausência ou manipulação do conhecimento.

Importante observar que, na obra de Casares (2016), as projeções das imagens dos primeiros prisioneiros da invenção de Morel também aprisionam o Fugitivo que, ousando chegar àquela estranha ilha, passa a observá-las. Quando penetra naquele espaço, é submetido à convivência com os fantoches criados pela invenção de Morel, a ponto de se apaixonar por um dos simulacros, que observava todos os dias parado no alto de um penhasco: “No rochedo há uma mulher olhando o pôr do sol, todas

as tardes. Tem um lenço colorido amarrado na cabeça; as mãos juntas, sobre um joelho [...] Essa mulher me deu esperança. Devo temer as esperanças...” (CASARES, 2016, p. 22-23).

A mente do Fugitivo torna-se obcecada pela visão daquela mulher, assim como pelo estranho movimento das pessoas que observa diariamente na ilha, acorrentando-o a forças que não consegue explicar:

A vida de fugitivo tornou-me o sono leve: tenho certeza de que não chegou nenhum barco, nenhum avião, nenhum dirigível. E, contudo, de um momento para o outro, nesta pesada noite de verão, os capinzais da colina se cobriram de pessoas que dançam, passeiam e nadam na piscina como veranistas instalados. (CASARES, 2016, p. 13).

Mas o Fugitivo, assim como o prisioneiro que se liberta da caverna de Platão, consegue aos poucos, em sua investigação, dissipar as dúvidas e chegar à verdade sobre aqueles seres; primeiramente, conhecendo milimetricamente sua imutável rotina, já ciente também de sua invisibilidade e, por fim, através da descoberta da máquina responsável pela criação das projeções, a invenção de Morel. Esse percurso se assemelha às etapas que o prisioneiro do Mito da Caverna tem que vencer, depois de conseguir se libertar das amarras que o prendiam às sombras, pois ao sair da caverna vai aos poucos conseguindo enxergar o mundo real; primeiro através dos reflexos na água, até chegar à contemplação do sol, que lhe revela a sabedoria, a verdade, o mundo das ideias. Voltando ao Fugitivo, assim ele se manifestaria sobre a descoberta da invenção de Morel e do seu funcionamento:

Tive uma surpresa: depois de muito trabalho [...], deparei-me com pessoas reconstituídas que desapareciam se eu desligava o aparelho projetor, viviam apenas os momentos transcorridos quando a cena foi tomada e ao terminá-los voltavam a repeti-los, como se fossem trechos de um disco ou de um filme que, ao acabar, recomeçassem, mas que ninguém conseguiria distinguir das pessoas vivas (veem-se como que circulando em outro mundo, fortuitamente abordado pelo nosso) [...]. É difícil aceitar um sistema de reprodução da vida tão mecânico e superficial? (CASARES, 2016, p. 76).

No Mito da Caverna, o indivíduo liberto da caverna, tendo conhecimento do que é real e o que é um simulacro, tem também o poder de libertar aqueles que continuam presos às sombras do sensível. Platão então descreve o retorno do homem à caverna, agora revestido

do conhecimento verdadeiro, pela necessidade de libertar os seus companheiros, correndo o risco de ser morto por eles. Afinal, seria fácil para aqueles que ainda habitam na caverna julgarem que o que saiu ficou louco, que está com a visão estragada, uma vez que, de volta ao mundo das sombras, não consegue enxergar mais. Mas o homem que voltou para libertar os demais tem consciência de que sua visão não pode mais se acostumar às trevas da caverna, sabe que “as perturbações visuais são duplas, e por dupla causa, da passagem da luz à sombra, e da sombra à luz” (Rep., VII, 518 a). Seus antigos companheiros, porém, só conseguem enxergar e acreditar nas sombras. Por enfrentá-las, o homem ascende e, após adquirir conhecimento, liberdade, desfrutar do mundo das ideias, pelo fato de ter optado em voltar à caverna para libertar os que ainda viviam na escuridão, torna-se um sábio.

Na obra de Casares (2016), se Morel representa o amo da caverna, aquele que, mesmo preso a ela, é quem cria as sombras e as manipula de acordo com seus desejos, o Fugitivo é o homem que irá caminhar, a duras penas, para fora da caverna e ver as coisas com clareza, concluindo que o mundo a ele revelado naquela ilha não é real. Mas ao se deparar com a verdade, opta por não combater as sombras, libertar os seus prisioneiros, presentes ou futuros. O Fugitivo sabe que existe um mundo além daquelas projeções, um mundo real e que pode trazer para ele muitas possibilidades, mas, afinal, como um homem pode querer se libertar da mulher que ama, mesmo que ela seja mero simulacro da realidade? Não mais manipulado pelas sombras, o Fugitivo mantém então seu *ethos* de cego, agora pelo conhecimento que possui, e decide também se tornar uma projeção:

Quando me senti pronto, liguei os receptores de atividade simultânea. Ficaram gravados sete dias. Representei bem: um espectador desprevenido pode imaginar que não sou um intruso. É o resultado natural de uma trabalhosa preparação: quinze dias de contínuos ensaios e estudos. Incansavelmente, repeti cada um dos meus atos. (CASARES, 2016, p. 108).

Após realizar a travessia da caverna para a luz, o mundo das ideias, na terminologia usada por Platão, o Fugitivo se torna um sujeito que não consegue elevar a visão acima dos reflexos, encarar verdadeiramente o sol. Dessa forma, decide retornar ao mundo do sensível, acreditando que nele é onde pode verdadeiramente ser livre. Por isso, seu *ethos*, tanto no nível pré-discursivo, quanto discursivo, revela que ele decide representar, tornar-se não apenas uma sombra, um prisioneiro da máquina, mas também um novo amo, senhor das sombras, manipulando o movimento

delas de acordo com seus desejos. O homem sai da prisão inconsciente, manipulado, e passa para a prisão consciente, manipulando tanto os que já estavam presos, quanto aqueles que irão, em algum momento, observar as sombras.

Charaudeau e Maingueneau (2016) destacam que o interdiscurso pode ocorrer como um conjunto de unidades discursivas, ou seja, tanto pode ser apresentado no mesmo gênero que o discurso anterior, como, enquanto discurso em um momento contemporâneo, pode ser reconfigurado em um outro gênero. Porém, seja qual for a situação, o interdiscurso mantém implícita ou explicitamente relação com o discurso Outro.

Desse modo, o Fugitivo, ao contrário do homem de Platão, não consegue “contemplar o que há no céu, e o próprio céu. [...] de olhar o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer outra parte, mas a ele mesmo, no seu lugar.” (Rep., VII, 516 a). É incapaz, portanto, de entender que o mundo das representações o limita e apaga o seu verdadeiro ser. Apesar de conhecer os dois mundos, o Fugitivo, nessa reatualização da obra de Platão, mostra que viver nas/como as sombras se torna mais vantajoso para a liberdade humana.

5 Considerações finais

Reconfigurando o discurso de Platão, Casares (2016) traz a mensagem de que o conhecimento ainda é a chave de liberdade para o homem, ainda que também possa ser usado para aprisionar. No Mito da Caverna, muito se fala das projeções do mundo das sombras, mas pouco daqueles que manipulam os fantoches. A ilha de Casares (2016), nessa relação interdiscursiva com o mito de Platão, nos apresenta o homem moderno como criador da caverna/prisão, que, por meio do seu conhecimento, faz daqueles que não o possuem prisioneiros e ferramentas de aprisionamento. A caverna é reatualizada, ganha nova forma na modernidade, cuja tecnologia permite criar uma máquina capaz de tornar tudo o que alcança em simulacro da realidade.

A obra *A Invenção de Morel* confirma exemplarmente que todo discurso possibilita, como destaca Maingueneau (1997), uma incessante reconfiguração com a incorporação de outros discursos, apropriados de diferentes realidades sócio-histórico-culturais. Casares (2016) utiliza da mesma base discursiva de Platão para mostrar que o homem moderno está novamente preso em uma caverna, mas dessa vez age consciente de que existe um mundo real, um mundo para além das ilusões. Portanto, a reatualização do mito realizada por Casares idealiza a liberdade como algo que o homem pode controlar, usando-a também para o controle de outros à

sua volta. Relativiza, além disso, a importância da verdade como finalidade última do exercício dessa liberdade, pois, como fez o personagem Fugitivo, o homem também pode ser livre para escolher sua ilusão.

Referências

CÂMARA, S. O recurso do mito na literatura latino-americana. *Tempos Históricos*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 185-203, 2013.

CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*. Trad. Sérgio Molina. 4. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MONGELLI, Lênia Márcia. O Mito da Caverna em Branquinho da Fonseca. *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeira*, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 41-50, 1994.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 15. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

SANTOS, Ivanaldo Oliveira; SOUZA, Gerizilda Dantas. Análise do homem em uma caverna tecnológica. *Revista Saridh: Linguagem e Discurso*, v. 1, n. 1, 30 maio 2019.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Recebido em: 15 de janeiro de 2021

Aprovado em: 29 de agosto de 2021